

Professores, estudantes, técnicos e terceirizados realizaram uma inédita e vigorosa assembleia virtual na noite de quarta-feira, 26. A comunidade da UFRJ condenou severamente os cortes orçamentários e, em uníssono, pediu Fora Bolsonaro! O encontro foi um "esquenta" para o ato de sábado, 29, no Centro do Rio. **Página 3**

1180 • 27 de maio de 2021 • www.adufrj.org.br • TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj



**GOVERNO QUER FECHAR UFRJ.
COMUNIDADE NÃO VAI DEIXAR**

Sintufrj
ANUNCIANDO OS PARALADINOS E EDUCAÇÃO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Gestão Ressignificar

AdUFRJ
PROFESSORES DA UFRJ

APG
UFRJ

DCE Mário
Prata
UFRJ

ATTUFRJ
Associação de Trabalhadores Universitários UFRJ

#VACINA NO BRAÇO, COMIDA NO PRATO

EDITORIAL

NADA SERÁ COMO ANTES?

DIRETORIA

O governo Bolsonaro tem nos colocado desafios que até pouco tempo consideraríamos inimagináveis dentro de parâmetros mínimos de civilidade. As instituições do país parecem imobilizadas diante de uma sucessão de provocações e rupturas legais. Sua equipe de ministros e ex-ministros se julga inimitável ou inalcançável, podendo falar as atrocidades que lhe vier em mente. Nesse espetáculo de horrores, muitos ainda se perguntam quais forças o sustentam e por que ainda não se admitiu ao menos um, das dezenas de pedidos de impeachment. O impasse está posto no lado de cá do problema. Há mais de um ano sem uma autoridade sanitária a nível nacional capaz de dar diretrizes minimamente seguras para o controle da pandemia, temos assumido a difícil tarefa de contenção da disseminação do vírus, defendendo o distanciamento social e evitando aglomerações. Com isso saímos das ruas, da pressão viva e direta sobre os poderes públicos. Não só pelas passeatas e manifestações, mas pela vida mesma, pulsando nas instituições, nas empresas, nos restaurantes, nas praças. A vida empobrece, fica reduzida, a energia se dissipa, e muitos estão ocupados em sobreviver ou enterrar seus mortos. Essa é uma guerra de quase 500.000 mortos. No inventário de perdas e danos, o custo já nos parece alto demais. Olhamos para os lados e vemos que em outros lugares o desfecho foi diferente. A começar pelos EUA, mais recentemente o Chile e a Colômbia: o povo foi às ruas para forçar uma transformação social urgente e necessária.

Nessa semana que passou realizamos uma assembleia da UFRJ convocada pelas entidades, com a participação da reitoria. Tivemos toda a sorte de dificuldade, em ambiente virtual, tendo que ajustar para um único evento práticas políticas tão diversas. O tempo foi curto, a divulgação foi dificultada pelo trabalho remoto, muita gente teve dificuldade de entender a dinâmica. Não foi possível organizar uma votação, mas consideramos ter iniciado um processo muito virtuoso de encontros, trocas e debates. Apesar do tom diferenciado, das histórias pessoais tão diversas, dos enfoques matizados pelas escolhas políticas, a percepção dos problemas que enfrentamos e da

gravidade da crise que se avizinha foi sempre um ponto de convergência. Já não se trata de disputar um projeto ou uma proposta, mas de garantir a nossa existência, com os valores que nos justificam e nos sustentam.

A movimentação que se criou em torno do artigo assinado pela reitoria e pelo vice-reitor é um termômetro para nos dar referenciais importantes. Há um limite que a sociedade parece estar disposta a suportar. O anúncio de que corríamos o risco de termos nosso trabalho inviabilizado pelos cortes orçamentários trouxe uma mobilização de amplos espectros da sociedade, que em outras épocas não se manifestaram com tanto vigor, mesmo estando a universidade sofrendo grandes restrições orçamentárias. Parece que desta vez, levando em conta todos os ataques que sofremos desde a posse desse governo, entenderam os grandes jornais que a instituição corre perigo de fato. Os cortes orçamentários, somados a uma agenda autoritária e à asfixia provocada também nas agências de fomento, associações e a discursos negacionistas e de desrespeito às orientações técnicas forjadas no rigor científico, tudo isso acrescenta cores bem realistas quanto aos interesses que não se disfarçam.

A cada dia se percebe que as chamadas forças bolsonaristas são minoritárias na sociedade. Mas também está cada vez mais evidente que elas estão se preparando para uma batalha, com soldados dispostos a tudo. É a primeira tática usada para que se imponham pela força é a intimidação. Esse é o ponto do qual não podemos recuar. As instituições precisam funcionar, as multas precisam ser aplicadas, a CPI precisa indicar e responsabilizar aqueles que nos impuseram um quadro absolutamente dramático de mortes por covid-19. Mas elas não funcionarão sozinhas. É preciso uma movimentação grandiosa, que torne explícito e indisputável que o compromisso da sociedade brasileira é com a defesa do Estado Democrático de Direito e o respeito à Constituição. Dia 29 de maio podemos dar o primeiro e vigoroso passo para que isso se torne realidade. Não poupemos esforços nesse sentido. Quem puder, deve estar às 10 horas em frente ao Monumento a Zumbi dos Palmares, na Avenida Presidente Vargas. Ali há espaço e podemos manter algum distanciamento. Máscaras e álcool em gel completam o kit de proteção. Quem não puder ir, quem precisar ficar em casa, não abandone as redes sociais, multiplique nosso grito, antes que seja tarde.

ROUBO NO CCS EM DOIS DIAS SEGUIDOS

SILVANA SÁ

silvana@adufrrj.org.br

Em dois dias seguidos, dois aparelhos de ar condicionado foram furados do Instituto de Biologia. O local fica nos fundos do Bloco A do Centro de Ciências da Saúde, no Fundão. “É simplesmente o sexto aparelho em dois anos”, desabafou a professora Christine Ruta, responsável pelo Laboratório de Biologia Integrativa de Organismos Marinhos, um dos atingidos pelos roubos. O problema

é crônico e atinge outras áreas e unidades. As ocorrências foram registradas na Diseg (Divisão de Segurança), que verificou que o local carece de gradeamento para proteger os aparelhos. A prefeitura da UFRJ formalizará a recomendação à decania do CCS. “Nosso campus é aberto, o que facilita esse tipo de ação. Estamos mudando posicionamento de pessoal e viaturas para tentar minimizar o problema”, completou o prefeito Marcos Maldonado. A Diseg está fazendo reco-

lhimento de imagens das câmeras de vigilância para tentar identificar pessoas envolvidas no crime. Há três dias, roubaram também os cabos de força, de cobre, do prédio novo do Instituto de Física, ao lado do CCMN. Os bandidos fizeram um buraco no muro que separa o prédio da área externa. “Infelizmente não é a primeira vez. Já levaram torneiras e outros objetos de metal. Provavelmente para vender”, lamentou o vice-diretor da Física, professor Antônio Carlos Santos.

DEPUTADO PROPÕE EXTINÇÃO DA UERJ

Num arroubo autoritário, Anderson Moraes (PSL) protocolou projeto de lei na Alerj para extinguir a Uerj e passar seus bens a faculdades privadas. A universidade é prevista na Constituição do Estado. O delírio do deputado bolsonarista é, portanto, inconstitucional. A assembleia arquivou o pedido. “Enquanto eu for presidente, não vota”, declarou André Ceciliano (PT), presidente da casa.



■ **NO PROGRAMA ADUFRJ NO RÁDIO** desta sexta-feira (28), os professores Eleonora Ziller e Josué Medeiros, diretores do sindicato, celebram a força da assembleia de quarta, 26, e convocam os ouvintes para participar do 29M, ato nacional em defesa das universidades públicas. O protesto será presencial e os organizadores pedem que todos usem máscaras, álcool em gel e preservem o distanciamento social. O protesto está marcado para sábado, 10h, com concentração no Monumento do Zumbi, na Presidente Vargas. “A AdUFRJ estará presente com nossa bandeira, nossa esperança e nosso desejo de voltar a sonhar”, resumiu Eleonora.

NOTAS



COVID DEIXA O SAMBA EM SILÊNCIO. MORRE NELSON SARGENTO

■ A covid-19 mais uma vez trouxe dor e silêncio para o mundo das artes. O samba atravessou na manhã desta quinta-feira (27) com a morte do bamba Nelson Sargento. Aos 96 anos, ele foi uma das primeiras pessoas do Rio de Janeiro a ser imunizada contra a doença. Apesar da vacina no braço, o vírus foi mais forte e decretou o final da trajetória do baluarte da Mangueira. Sargento foi autor de grandes sambas-enredo da escola do coração, compôs mais de 400 músicas, escreveu livro, pintou quadros. Um artista em múltiplas dimensões. A arte, hoje, fica mais cinza.

PROVA DE VIDA PRORROGADA

■ O recadastramento anual dos aposentados e pensionistas do Poder Executivo Federal foi novamente prorrogado. Desta vez, até 30 de junho. O adiamento é uma medida de proteção contra a pandemia, uma vez que os beneficiários — idosos em sua maioria e, portanto, mais vulneráveis ao novo coronavírus — precisariam comparecer a uma agência bancária para fazer a chamada “prova de vida” e, assim, manter seus pagamentos. Enquanto o Ministério da Economia prorrogar os prazos, os benefícios não serão afetados. Mas aqueles que quiserem realizar logo o procedimento podem optar pela Prova de Vida Digital, sem sair de casa, por meio do aplicativo SouGov.br.



POLÍTICA DE INOVAÇÃO APROVADA

■ O Consuni aprovou uma política de inovação para a UFRJ. A resolução recebeu 43 votos favoráveis e duas abstenções, em sessão realizada neste dia 27. As diretrizes não se restringem às áreas de saúde, ciência e tecnologia, incluindo também as humanidades e ciências sociais aplicadas. A política estimula ainda uma estrutura de produção descentralizada, a partir dos Centros e das unidades. Os conselheiros comemoraram a iniciativa. “Nossos estudantes pedem por inovação e empreendedorismo”, afirmou a professora Juliana Rodrigues, diretora do campus Duque de Caxias. “Eles não querem mais ser empregados da Petrobras ou da Shell. Eles querem desenvolver suas ideias”.

REFORMA ADMINISTRATIVA APROVADA NA CCJ

■ Por 39 votos a favor e 26 contrários, a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara aprovou, no dia 25, o relatório da reforma administrativa. A medida ameaça o serviço público e é uma das bandeiras da campanha de Bolsonaro. O texto cria cinco tipos de vínculos de trabalho para os servidores públicos e acaba com a estabilidade, como a conhecemos, mas deixa de fora “carreiras típicas de Estado”. Ainda há previsão de legislação complementar para detalhar que carreiras ficarão de fora da reforma. A proposta agora segue para análise em comissão especial.

ASSEMBLEIA MOSTRA UNIDADE EM DEFESA DA UFRJ

> Professores, estudantes, técnicos e terceirizados debateram durante mais de três horas o dramático impacto dos cortes orçamentários na universidade e, em uníssono, pediram Fora Bolsonaro!

KELVIN MELO

kelvin@adufrrj.org.br

“A UFRJ hoje mostrou que está viva, está na luta e vai virar esse jogo”. Com estas palavras, a presidente da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller, encerrou uma inédita e concorrida assembleia comunitária virtual em defesa da universidade, no dia 26. Somente a “plateia” do Youtube, que chegou a contar com mais de 500 pessoas assistindo à reunião ao mesmo tempo, seria suficiente para lotar qualquer um dos maiores auditórios do Fundão.

Professores, técnicos e estudantes sentiram o frisson em torno do encontro organizado pelo Formas, o Fórum de Mobilização e Ação Solidária, que congrega todas as entidades representativas da UFRJ. Em falas apaixonadas, como se estivessem cercados da multidão de colegas, eles conclamaram à união de todos os segmentos contra as políticas autoritárias do governo. “É um primeiro passo. Nossa assembleia é quase um ato simbólico de amor à UFRJ, de amor à vida, de amor à democracia”, disse Eleonora. “Quanto mais força fizerem

para nos calar, mais aumentará a nossa luta”.

Os depoimentos seguintes confirmaram a declaração inicial da presidente da AdUFRJ. E a assembleia comunitária acabou se transformando no grande “esquentar” da universidade para o ato nacional do próximo sábado (29), que terá como principal palavra de ordem o “Fora Bolsonaro” (leia mais na contracapa).

Protagonistas do primeiro ato de rua durante a pandemia, no último dia 14, os estudantes reforçaram a necessidade da ação coletiva: “Esta será a primeira de muitas assembleias e eventos que vamos fazer em conjunto com toda a comunidade acadêmica para colocar Bolsonaro no lugar que ele merece, que é a lata de lixo da história”, afirmou Antônia Velloso, uma das representantes do DCE Mário Prata.

Coordenadora do Sintufrrj, Gerly Miceli manifestou solidariedade com as famílias dos mais de 450 mil mortos pela covid no Brasil. “É um governo genocida, sim, e ainda não se tem 10% de população vacinada”, criticou. “A UFRJ não pode fechar. É um patrimônio deste país. E a campanha do Sintufrrj fica cada vez mais viva. É vacina no braço, comida no prato e fora Bolsonaro”.

A proposta de extinção da Uerj, apresentada esta semana pelo deputado estadual bolsonarista Anderson Moraes (PSL), também repercutiu na reunião. Natália Trindade, da Associação de Pós-graduandos (APG) e ex-aluna da universidade estadual, disse que seus dois orgulhos estavam sob ataque. “A UFRJ vai resistir, não vai fechar; a Uerj vai resistir”.

Na grande corrente virtual que se formou na assembleia, apenas uma nota triste. Dirigentes sindicais e estudantes lamentaram a não participação da representação da associação de dos terceirizados: dos três diretores da Attufrrj, dois estavam com problemas de saúde e um terceiro não conseguiu liberação do trabalho.

SEM RECURSOS PARA FUNCIONAR

Durante a assembleia, uma apresentação da reitoria ajudou a entender por que todas as ações institucionais contra a pandemia estão ameaçadas pelos cortes do governo: da realização de testes ao atendimento nos hospitais, passando por mais de 140 projetos de pesquisa. “Estamos cumprindo nosso papel de instituição de Estado,



#ASSEMBLEIAGERALDAUFRJ

patrimônio do povo brasileiro que somos. Mas, mais que resistir, precisamos agir. Pois nossas instituições precisam ser valorizadas”, disse a reitora Denise Pires de Carvalho.

O pró-reitor de Planejamento, professor Eduardo Raupp, informou que o atual orçamento (de R\$ 299 milhões) equivale, em valores corrigidos pela inflação, ao de 2008, quando a UFRJ tinha a metade dos alunos de hoje. “Nós nos deparamos com o maior ataque do ponto de vista orçamentário, não só à UFRJ, mas a todo o sistema de universidades. Voltar 13 anos em termos orçamentários é tentar nos aniquilar”, enfatizou.

TODOS AO ATO DO DIA 29

Cento e dezoito pessoas se inscreveram para o debate na reunião. Para não alongar demais o horário da atividade, sete nomes de cada segmento foram sorteados eletronicamente. A convocação para o ato do dia 29 foi consenso, entre os que falaram.

Professora do Direito, Luciana Boiteux fez um dos convites para os colegas, ressaltando todos os cuidados sanitários. “Não é momento de pensar em desânimo, mas de partir para cima. Queremos nosso Brasil de

volta, queremos nossos direitos de volta. Estamos juntos e vamos lutar no dia 29”.

A técnica-administrativa Adriani Pinheiro convocou os mais antigos: “Estou com esse grito entalado na garganta, louca para ir para a rua, para dizer ‘fora Bolsonaro’. A nossa geração, que já tomou vacina, nem que seja só a primeira dose, vai estar lá com toda força. A juventude está dando o exemplo”, afirmou.

Norma Menezes, da Escola de Belas Artes, sugeriu a utilização de fitas coloridas para os manifestantes guardarem o distanciamento recomendado pelas autoridades sanitárias. Também disse que poderiam ser organizadas coreografias em meio ao protesto. “Façamos um encontro criativo”, disse.

Josué Medeiros, diretor da AdUFRJ, avaliou a assembleia de forma positiva. “Para nós, é um evento que energiza. É uma jornada que se iniciou há 15 dias, com o protesto contra a chacinha no Jacarezinho; depois, no dia 14, no ato em frente ao IFCS. No sábado, tem o Fora Bolsonaro”, disse. “Estamos numa dinâmica de retomada das ruas que vai nos preparando para enfrentar a conjuntura

difícil deste ano. E somente as ruas vão mudar esta conjuntura”, completou.

COMUNIDADE RECEBE APOIO EXTERNO

Representantes de sindicatos, centrais sindicais, movimentos sociais e políticos foram convidados a enviar um vídeo curto à assembleia. “A gente sabe dar boas aulas, a gente sabe pesquisar e a gente sabe lutar. Vencemos”, incentivou a escritora e professora de Física do Cefet, Erika Takimoto, em sua saudação. Também participaram: Flávia Calé (presidente da Associação Nacional dos Pós-graduandos), Rivânia Moura (presidente do Andes), Nilton Brandão (presidente do Proifes), Rosana Fernandes (CUT Nacional), deputada federal Jandira Feghali (PCdoB), Ligia Bahia (SBPC), deputado federal Elvino Gass (PT), vereadores Tarcísio Motta e Professor Josemar e deputado federal Marcelo Freixo (PSOL), Esteban Crescente (Movimento Luta de Classes), João Paulo Rodrigues (MST), Jones Manoel (PCB), Giovanna Almeida e Leonardo Péricles (Unidade Popular).

POR QUE IR ÀS RUAS DIA 29 CONTRA O GOVERNO BOLSONARO?

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrj.org.br

Essa pergunta tem várias respostas.

Porque, após alguns poucos atos isolados, esse é o primeiro protesto simultâneo de rua desde o início da pandemia que já causou mais de 450 mil mortes no país. Com atenção dobrada a protocolos de segurança, como o uso de máscaras adequadas e de álcool em gel e o distanciamento entre as pessoas, atos estão previstos para ao menos 85 cidades brasileiras. É um bom (re)começo.

Porque as universidades públicas brasileiras são alvos preferenciais do presidente Jair Bolsonaro. A UFRJ, a maior delas, só tem verbas para funcionamento até setembro. Produtoras de algo que os negacionistas abominam — o conhecimento —, elas tiveram seus orçamentos drasticamente cortados em 2021, e esses orçamentos devem ser recompostos, sob pena de serem ainda menores em 2022. Porque nem a UFRJ, nem qualquer outra universidade pública do país, vai fechar.

Porque o governo Bolsonaro apostou na imunidade de rebanho por meio da contaminação da população, e não da vacinação. A CPI da Pandemia, em curso no Senado, vem evidenciando que o governo fez de Manaus seu laboratório de testes, onde muitos pacientes infectados pelo coronavírus morreram por falta de oxigênio. Porque este é um governo liderado por um presidente genocida.

Porque não há vacinas para todos e muitas vidas poderiam ter sido salvas se o governo federal tivesse se empenhado em adquirir imunizantes ainda no ano passado. Ainda hoje as fábricas do Instituto Butantan e da Fiocruz se ressentem da falta de insumos básicos para a produção da Coronavac e da Oxford/AstraZeneca. Esses insumos vêm da China, a quem Bolsonaro já acusou até de fazer guerra química.

Porque muitas famílias brasileiras estão passando fome, pois atravessaram os dois primeiros meses deste ano sem qualquer ajuda do governo federal, e agora recebem auxílio emergencial insuficiente, no máximo de R\$ 375. Porque o desemprego é a realidade de 14,8 milhões de brasileiros, na maior taxa já registrada na série histórica do IBGE, iniciada em 2012.

Porque a juventude vai à luta. Diretor da AdUFRJ, e vice-presidente da UNE de 2005 a 2007, o professor Josué Medeiros aponta a força do movimento estudantil como mola propulsora dos atos. “O movimento estudantil está presente em grandes e pequenas cidades, em universidades públicas e privadas, é fundamental nessa mobilização. Só as ruas vão nos dar a força para mudar esse quadro, e a energia dos estudantes é vital para garantir a democracia em nosso país. Vamos a partir desse ato fazer um rio de asfalto e gente”, avalia Josué, citando um verso da inspiradora canção de Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges.

Porque a negação da Ciência e os ataques à Educação partem de um governo que não tem apreço pela vida. Para a presidente da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller, ir às ruas nesse momento é “quase uma imposição”. “Será uma demonstração do Brasil sério, consciente, responsável, solidário e cuidadoso com o próximo. Vamos lutar em defesa da democracia e da vida de uma forma amorosa e cuidadosa. Vamos parar essa máquina de destruição e de morte e encontrar os nossos sonhos”, defendeu Eleonora, que lembrou um verso de Carlos Drummond de Andrade que pode ser a última resposta à pergunta inicial dessa página.

Porque havemos de amanhecer.

